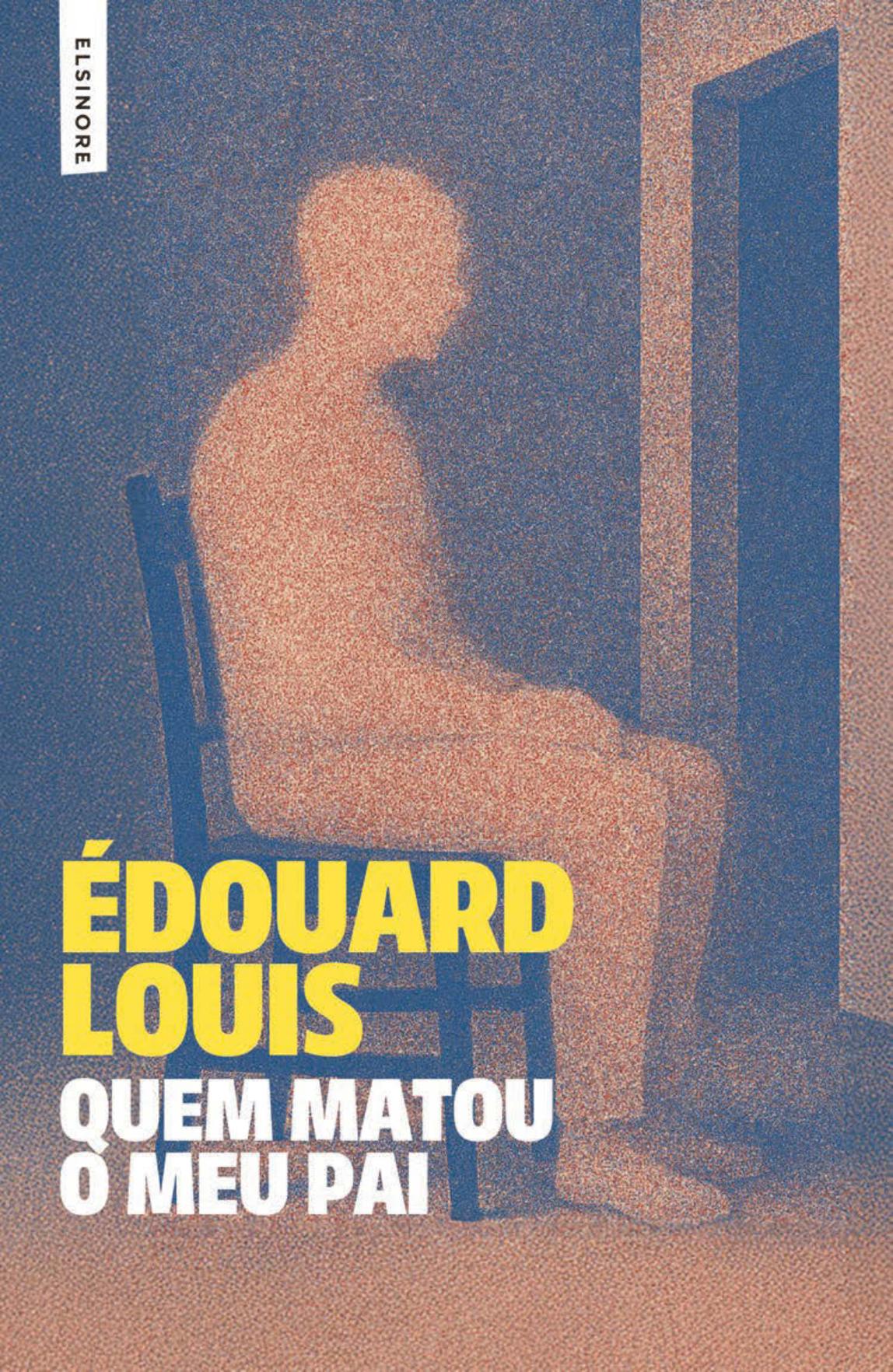


ELSINORE



**ÉDOUARD
LOUIS**

**QUEM MATOU
O MEU PAI**

Se este texto fosse um texto de teatro, teria de começar com as seguintes palavras: um pai e um filho estão a poucos metros um do outro, num espaço amplo e vazio. Esse espaço poderá ser um campo de trigo, uma fábrica desativada e deserta, o pavimento laminado do ginásio de uma escola. Talvez esteja a nevar. Talvez a neve os vá cobrindo, pouco a pouco, até desaparecerem completamente. O pai e o filho quase nunca se olham. O filho é o único que fala, lendo as primeiras palavras que diz numa folha de papel ou num ecrã. Tenta dirigir-se ao pai, mas, não percebemos por que razão, é como se o pai não conseguisse ouvi-lo. Estão perto um do outro, mas não se encontram. Por vezes, a pele de um toca na do outro, ficam em contacto, mas mesmo então, mesmo nesses momentos, continuam ausentes entre si. O facto de só o filho falar é violento para ambos: o pai está privado da possibilidade de contar a própria vida e o filho deseja uma resposta que nunca obterá.

|

Quando lhe perguntam o que significa para ela a palavra «racismo», Ruth Gilmore, uma intelectual americana, responde que o racismo é a exposição de certas populações a uma morte prematura.

Esta definição também funciona relativamente à dominação masculina, ao ódio à homossexualidade ou aos transgénero, à dominação de classe, a todos os fenómenos de opressão social e política. Se considerarmos a política a governação de seres vivos por outros seres vivos, assim como a existência de indivíduos no interior de uma comunidade que eles não escolheram, então, a política é a distinção entre populações que têm a sua vida sustentada,

promovida e protegida, e populações expostas à morte, à perseguição e ao assassinio.

No mês passado, vim visitar-te à pequena cidade do Norte onde vives agora. É uma cidade feia e cinzenta. O mar fica a escassos quilómetros, mas tu nunca lá vais. Já não te via há vários meses — há muito tempo. Quando me abriste a porta, não te reconheci.

Observei-te, e no teu rosto consegui ler os anos que passei longe de ti.

Mais tarde, a mulher com quem vives explicou-me que já quase não consegues andar. Também me disse que precisas de um aparelho para respirar de noite, caso contrário o teu coração pára, já não consegue bater sem auxílio, sem a ajuda de uma máquina, já não quer bater. Quando te levantaste para ir à casa de banho e voltaste, vi-o com os meus próprios olhos, os dez metros que percorreste deixaram-te ofegante, foi preciso que te sentasses e recuperasses o fôlego. Pediste desculpa. É uma coisa nova, pedires desculpa, vou ter de me habituar. Explicaste-me que sofrias de um tipo de diabetes grave, além do colesterol, e que corrias o risco de sofrer um ataque cardíaco a qualquer momento. Faltava-te o fôlego enquanto me descrevias tudo isto, o teu

peito esvaziava-se de oxigénio, como se fugisse, falar era um esforço demasiado intenso, demasiado grande. Percebi que lutavas contra o teu corpo, mas tentava fazer de conta que não reparava em nada. Na semana anterior, tinhas sido operado àquilo a que os médicos chamam «eventração» — eu não conhecia esta palavra. O teu corpo tornou-se demasiado pesado para si mesmo, a tua barriga estirou-se em direção ao chão, estirou-se com muita, muita força, com tanta força que se rasgou no interior, que se arrancou por causa do seu próprio peso, da sua própria massa.

Já não podes conduzir, já não te é permitido beber álcool, já não consegues tomar banho ou ir trabalhar sem correres um enorme risco. Tens pouco mais de cinquenta anos. Pertences àquela categoria de seres humanos a quem a política reserva uma morte precoce.

Durante toda a minha infância, desejei a tua ausência. Voltava da escola ao fim da tarde, por volta das cinco horas. Quando me aproximava de casa, sabia que se o teu carro não estivesse estacionado em frente, isso queria dizer que tinhas ido ao café ou a casa do teu irmão, e que regressarias tarde, talvez

só ao cair da noite. Se não visse o teu carro no passeio diante da nossa casa, sabia que íamos comer sem ti, que a minha mãe acabaria por encolher os ombros e servir-nos o jantar e que eu só voltaria a ver-te no dia seguinte. Todos os dias, ao aproximar-me da nossa rua, pensava no teu carro e rezava intimamente: que o carro não esteja lá, que o carro não esteja lá, que o carro não esteja lá.

Só aprendi a conhecer-te por acaso. Ou através dos outros. Não há muito tempo, perguntei à minha mãe como é que vocês se conheceram e porque é que ela se apaixonou por ti. A resposta foi:

— O perfume. Ele punha perfume e sabes bem que naquela altura não era como agora. Os homens não usavam perfume, era coisa que não se fazia. Mas o teu pai, sim. Ele, sim. Era diferente. Cheirava tão bem.

E continuou:

— Ele é que andava atrás de mim. Eu tinha acabado de me divorciar do meu primeiro marido, tinha conseguido desembaraçar-me dele e estava mais feliz assim, sem homem. Só que ele insistiu.

Trazia-me sempre chocolates ou flores. E eu acabei por ceder. Cedi.

2002 Nesse dia, a minha mãe apanhou-me a dançar, sozinho, no meu quarto. Tentei mexer-me o mais silenciosamente possível, não fazer barulho, não respirar com força, e a música não estava alta, mas ela ouviu qualquer coisa do outro lado da parede e veio ver o que se passava. Sobressaltado e sem fôlego, com o coração na garganta, com os pulmões na garganta, voltei-me para ela e esperei — *com o coração na garganta, com os pulmões na garganta*. Estava à espera de que ela ralhasse comigo ou troçasse de mim, mas ela sorriu e disse-me que era quando eu dançava que mais ficava parecido contigo.

— O pai alguma vez dançou? — perguntei.

Que o teu corpo já tivesse feito alguma coisa tão livre, tão bela e tão incompatível com a tua obsessão da masculinidade fez-me compreender que um dia talvez tivesses sido uma outra pessoa. A minha mãe acenou com a cabeça:

— O teu pai estava sempre a dançar! Aonde quer que fosse. Quando dançava, toda a gente olhava para ele. Eu ficava cheia de orgulho de ele ser o meu homem!

Atravessei a casa a correr e fui ter contigo ao pátio, onde estavas a cortar lenha para o inverno. Queria saber se era verdade. Queria uma prova. Repeti-te o que ela me tinha contado e tu baixaste os olhos, dizendo numa voz muito vagarosa:

– Não se pode acreditar em todas as porcarias que a tua mãe conta.

Mas ficaste corado. Eu sabia que estavas a mentir.

*

Numa noite em que eu estava sozinho porque vocês tinham ido jantar a casa de uns amigos e eu não quis acompanhar-vos — recordação do fogão de sala, que difundia pela casa o cheiro a cinza e a tranquilidade de uma luz alaranjada —, encontrei, num velho álbum de família corroído pela traça e pela humidade, fotografias em que aparecias disfarçado de mulher, de majorete. Desde que nasci, via-te desprezar todos os sinais de feminilidade num homem, ouvia-te dizer que um homem *nunca devia comportar-se como uma mulher*, nunca. Parecias ter uns trinta anos nessas fotos, acho que eu já era nascido. Até ao fim da noite observei aquelas imagens do teu corpo, do teu corpo vestido com uma saia, cabeleira na cabeça, batom nos lábios, peito artificial debaixo da *t-shirt*,

talvez feito com algodão e um sutiã. O mais espantoso era que parecias feliz. Estavas a sorrir. Roubei a fotografia e depois, várias vezes por semana, tirava-a da gaveta onde a escondi e tentava decifrá-la. Não te disse nada.

Um dia, escrevi sobre ti num caderninho: «Escrever a história da vida dele é escrever a história da minha ausência.»

Doutra vez, apanhei-te a ver uma ópera transmitida em direto na televisão. Nunca tinhas feito isso, pelo menos à minha frente. Quando a cantora entoou o seu lamento, vi os teus olhos a brilhar.

O mais incompreensível é que até aqueles que não conseguem respeitar sempre as normas e as regras impostas pelo mundo teimam em fazê-las respeitar, como tu, quando dizias que um homem nunca deve chorar.

Sofrias com estas coisas, com este paradoxo? Tinhas vergonha de chorar, tu, que estavas sempre a dizer que um homem não deve chorar?

Gostava de te dizer: eu também choro. Muito, muitas vezes.

Com voz apaixonada e urgente, Édouard Louis narra o retorno à sua cidade natal, um *local feio e cinzento* numa das regiões mais pobres de França, e à casa paterna. É o regresso a uma infância assombrada pela violência, a homofobia e a vergonha, mas também a tentativa de uma reconciliação com esse passado doloroso, materializado numa figura paterna dominadora, agora fisicamente diminuída, frágil e exposta.

Relato comovente do reencontro possível entre pai e filho, evocativo de *Carta ao Pai* de Franz Kafka, *Quem Matou o Meu Pai* representa o gesto que procura o perdão e ainda o grito de denúncia de um fosso social que devora a França há décadas, com o dedo apontado ao poder político, a essa casta privilegiada, verdadeira responsável por condenar a uma morte precoce as classes mais desfavorecidas.

«Uma história esmagadora de reconciliação,
perdão e conquista da ternura.»

Télérama

«Édouard Louis está na vanguarda da nova geração
de escritores políticos franceses.»

Evening Standard



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-005-7



9 789895 890057